

# PESQUISA CIENTÍFICA COM PROTETORES DE CÃES RESGATADOS A FIM DE AVERIGUAR O COMPORTAMENTO CANINO APÓS O RESGATE

ALVES, Luanna Caroline Moura<sup>1</sup>  
GUSSO, Ana Bianca Ferreira<sup>2</sup>

## RESUMO

Conforme a bibliografia consultada, os sinais comportamentais mais frequentemente observados pelos tutores são o medo, a agressividade, a eliminação inapropriada, a ansiedade e a hiperatividade, estando disponível uma grande variedade de tratamentos, nomeadamente no que diz respeito ao manejo ambiental. O presente estudo teve como objetivo compreender quais as alterações comportamentais que os tutores e/ou protetores de cães resgatados conseguem relatar, analisando assim se estes problemas condizem com os relatos bibliográficos e quais problemas cães com um histórico de abandono e possíveis maus tratos podem apresentar. Com a realização de um formulário voltado a tutores e/ou protetores de cães resgatados, obteve-se dados relativos a certas alterações comportamentais mais observadas, como o medo, a agressividade, a ansiedade e a hiperatividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abandono. Etologia. Canino. Medos. Agressividade.

## 1. INTRODUÇÃO

Etologia, termo originado do grego, sendo *Ethos* referente a “hábito” ou “costumeiro” e *Logia* referindo a “estudo”, é uma área da zoologia responsável pelo estudo do comportamento animal. Possuindo raiz na teoria da evolução. Ao estudar o comportamento, deve-se iniciar com a observação repetida e atenta de um animal, tornando-se possível reconhecer comportamentos e começar a ver como estes se relacionam com estímulos ambientais (CROWELL-DAVIS, 2005).

A etologia é composta também da psicologia, neurologia, fisiologia, ecologia, da genética e da biologia, vendo que estas áreas e conjunto compõem os conhecimentos necessários para avaliar a origem do comportamento animal (AMERICAN, 2008).

Mesmo sendo uma área pouco conhecida e pequena no meio da medicina veterinária, é uma área de extrema importância para a profissão, visando que os problemas comportamentais podem levar a morte do animal, possuindo uma incidência crescente de casos a serem relatados no meio veterinário, com as mudanças que ocorrem no comportamento humano, afetando assim o comportamento animal, este que deixou de ser um animal de fundo de quintal e se tornou um membro presente na casa da família brasileira (NEILSON, 2009).

As alterações comportamentais geram situações de desconfortos tanto para os animais quanto para os seus tutores, comportamentos problemáticos como a agressividade, o comportamento repetitivo, o medo e a eliminação inapropriada podem ocorrer devido ao treinamento inadequado pela

---

<sup>1</sup> Acadêmica de Medicina Veterinária. E-mail: [lcmalves@minha.fag.edu.br](mailto:lcmalves@minha.fag.edu.br)

<sup>2</sup> Médica Veterinária. E-mail: [anagusso@fag.edu.br](mailto:anagusso@fag.edu.br)

parte do responsável, são alterações que podem ser tratadas e prevenidas com o devido tratamento e treinamento do tutor com acompanhamento veterinário.

O objetivo desta pesquisa é avaliar quais alterações comportamentais cães que passaram por situação de abandono, ou que nunca possuíram um lar, podem apresentar, com maior frequência, após serem resgatados, com base no ponto de vista do responsável pelo animal no momento e como este comportamento pode mudar com base no tempo que este animal passou longe das ruas e em um ambiente estável.

## **2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

### **2.1 O ABANDONO**

Com o crescente número de animais nas casas dos brasileiros, nota-se também um aumento no número de animais abandonados, não apenas no Brasil, como em toda América latina.

O abandono ocorre devido a fatores como mudanças de endereço, seja de uma casa para apartamento, ou de um estado para o outro, até o simples fato de o animal entrar na fase adulta e não atender as expectativas que o tutor possuía para com o animal, muitos desses animais acabam sendo resgatados e vão parar em ONGs, outros não têm tanta sorte, e mesmo os que são resgatados acabam sofrendo com o trauma e medo que não os deixam pelo simples fato de serem acolhidos, os cães acolhidos por programas de manejo populacional não estão livres de passarem por situações estressantes (BARRERA *et al*, 2008), e muitos precisam de cuidado e reabilitação para poder voltarem a sociedade e serem acolhidos por uma nova família.

As informações sobre abandono e sobre quais problemas cães abandonados podem acabar desenvolvendo em sua maioria vem de outros países como Estados Unidos e alguns países asiáticos (ALVES, 2013), no Taiwan, nos fatores que levam ao abandono pós-aquisição, o que mais se destacou foram os problemas comportamentais dos animais (WENG *et al*, 2006). Nos Estados Unidos, o fator que mais aumenta as chances de abandono, seriam a frequência que estes animais sujavam e/ou bagunçavam a casa, eram hiperativos, provocavam estragos ou eram medrosos (NEW Jr. *et al*, 2000).

Salman (1998), cita que cães não castrados, cães que já passaram por outros lares, ou foram adquiridos com baixo custo, ou custo zero, cães com problemas comportamentais, cães de fundo de quintal, cães que possuem menos de três anos. No Brasil, as alterações comportamentais podem acabar levando o tutor ao abandono do animal, e em casos mais severos optar pela eutanásia do mesmo. (NOVAIS *et al*, 2010).

Consoante os últimos dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente ao ano de 2018, em todo o território nacional, foram estimados 139,3 milhões de animais de estimação, nos quais 54,2 milhões são cães (ABINPET, 2019; GERALDES, 2019).

Em relação aos cães que se encontram em situação de rua, apenas alguns são recolhidos por protetores, enquanto a maioria passa fome e arrisca morrer atropelados ou doentes. Os que sobrevivem se tornam um imenso problema, pois ficam expostos a doenças, seus dejetos são deixados em qualquer lugar, contaminam solo, água, aumentando as chances de ocorrências de zoonoses na população. Além disso, existe a chance de se tornarem agressivos, recebendo o adjetivo de “ferais”, usado para animais em processo individual de “desdomesticação”. (LEWGOY; SORDI *et al*, 2015; JUNIOR; MACHADO, 2018).

## 2.2 O COMPORTAMENTO NORMAL DO CÃO

Os cães possuem natureza de matilha, cooperativa, afiliativa e afetiva. São animais extremamente comunicativos e sociáveis. Seus vínculos afetivos são maiores com o grupo do que com o ambiente em que vivem, sendo este um diferencial dos felinos (CALDERON *et al*, 2008).

### 2.2.1 Período Neonatal

Durante seu desenvolvimento tanto psicológico quanto biológico, o cão apresenta períodos distintos, sendo separados em: neonatal, transição, socialização e juvenil, relacionados principalmente ao primeiro ano de vida do animal. Até seus primeiros doze dias de vida do animal é considerado o período neonatal, período este relacionado com a vida em conjunto com à ninhada e sobre cuidados da mãe. No período neonatal o filhote apresenta imaturidade de órgãos sensoriais, sistemas fisiológicos básicos, com limitações perceptivas e motoras e seus comportamentos são, normalmente, reflexos (FARACO; SOARES, 2013).

É de extrema importância que o filhote permaneça em contato com a mãe e a ninhada durante esta fase, e que a partir do terceiro dia de vida ocorra uma manipulação delicada para que o filhote se acostume com situações que possam causar estresse (GAZZANO *et al*, 2008; BATTAGLIA, 2009).

### 2.2.2 Período de transição

Ao se iniciar o 13º dia de vida do animal até o 21º dia, entra-se no período de transição, caracterizado por desenvolvimento de órgãos sensoriais (abertura dos olhos e do canal auricular).

Inicia-se um comportamento exploratório, ainda que tímido, e começam a desenvolver habilidades motoras, como, por exemplo, o ato de caminhar (FARACO; SOARES, 2013).

### 2.2.3 Período de Socialização

O período de socialização primário ocorre da terceira semana ao terceiro mês de vida. Experiências adquiridas nesta fase são determinantes para padrões de comportamento na vida adulta. Durante esta fase o filhote aprende a diferenciar estímulos ambientais bons dos ameaçadores, ele desenvolve habilidades comunicativas e sociais, essenciais para a adaptação e interação desse animal (FARACO; SOARES, 2013).

É o período em que ele aprende a ser sociável tanto com os animais de sua espécie quanto de outras espécies (CALDERON *et al*, 2008). Durante este período o animal passa por processos de reconhecimento, identificação, habituação e localização aos diversos estímulos sociais e ambientais, essenciais para que o filhote se torne capaz de se adaptar e interagir com o ambiente e outros animais.

É recomendado que se inicie a educação dos filhotes durante esta fase, pois os comportamentos desse animal em relação ao ambiente são ajustados pelo processo de habituação. Caso este período não ocorra apropriadamente, existe o risco de o animal desenvolver problemas de comportamento, como medo e agressividade (FARACO; SOARES, 2013).

### 2.2.4 Período Juvenil

O período juvenil inicia-se a partir da décima segunda semana e vai até à puberdade, o período quando ocorre a maturação sexual. Nesta fase ocorre o amadurecimento das capacidades motoras e a inserção social. Durante este período, é ideal oferecer a esse animal um ambiente enriquecido, para que seu desenvolvimento da capacidade cognitiva seja melhor (FARACO; SOARES, 2013).

### 2.2.5 Comportamento sexual

Após a puberdade, tem-se o início do comportamento sexual dos cães, esta fase pode ocorrer aproximadamente a partir dos seis meses, variando segundo o porte e a raça do animal.

O ciclo estral das fêmeas é composto pelas fases de estro, sendo durante este período momento que a fêmea irá apresentar receptividade sexual, com predomínio do hormônio estrógeno, a seguir vem o metaestro, período em que o corpo lúteo tem início de suas funções; durante o diestro ocorre uma predominância da ação do hormônio progesterona, devido à atividade do corpo lúteo que se

iniciou no período anterior; durante o proestro, ocorre a luteólise do corpo lúteo, ou seja, ocorre o desenvolvimento folicular e observa-se um aumento do estrógeno, dando início a um novo ciclo. A fêmea passa ainda por uma fase de anestro, sendo que durante esta fase não ocorre nenhuma outra fase do ciclo estral.

O comportamento de corte dos cães machos inicia-se quando percebem a presença de uma fêmea no cio, principalmente através do olfato e de feromônios. A cópula ocorre quando a fêmea, em período de estro, aceita a monta pelo macho. O ato possui duração curta, porém, o ato da ejaculação é prolongado, sendo este o motivo pelo qual os animais assumem a posição “posterior contra posterior” podendo atingir um período de até 30 minutos (FARACO; SOARES, 2013).

Mesmo antes do parto, é possível observar o comportamento materno das fêmeas, iniciando com a confecção de ninhos logo antes do nascimento dos filhotes. Assim que o filhote é parido, a cadela o lambe, e ingere seus anexos fetais. Até que os filhotes possuem a capacidade de urinar e defecar sozinhos, a fêmea mantém a higienização dos seus filhotes, através da ingestão de fezes e urina excretadas por eles. Os machos não compartilham com as fêmeas os cuidados em relação à ninhada (FARACO; SOARES, 2013).

#### 2.2.6 Alimentação

Em relação a sua alimentação, o comportamento dos cães é parecido com seus ancestrais e com animais silvestres da mesma família. Possuem uma grande flexibilidade alimentar, caracterizados hoje em dia como onívoros. Assim como seus parentes, os lobos, eles acabam ingerindo uma abundância de alimento de uma vez só, sendo este o motivo que leva o cão a ingerir muita ração quando esta é oferecida de maneira excessiva (FRASER; BROOM, 2010).

Outro fator que pode alterar a alimentação canina é a hierarquia da matilha: os que estão em posições superiores se alimentam primeiro e em maior quantidade do que os que possuem posições inferiores na matilha. A melhor forma de oferecer alimento aos cães é em quantidades controladas, separadas através do dia e em locais separados, especialmente em uma situação de coletivo, como abrigos ou canis (FARACO; SOARES, 2013).

#### 2.2.7 Necessidades fisiológicas

O ato de urinar e defecar é um ato natural realizado para eliminação de sobras não utilizadas, porém, este ato também pode ser utilizado com o intuito de demarcação de território. O

comportamento de micção difere conforme o sexo do animal, os machos, em sua maioria, levantam lateralmente o membro posterior e as fêmeas normalmente, abaixando-o (FRASER; BROOM, 2010).

Fora de quaisquer anormalidades de postura durante a micção devido a patologias, cerca de 3% dos cães machos e 2% das fêmeas podem adotar a postura que corresponde ao outro sexo ao urinar. No caso da postura de defecação, esta se apresenta de maneira similar nos dois sexos. A frequência de eliminação é modificada pelas alterações fisiológicas do aparelho digestivo ou urinário, mas também é influenciada pelas emoções dos animais, principalmente pelos estados de ansiedade, medo e/ou excitação do animal (AMERICAN, 2008).

Os cuidados de higiene são importantes e úteis para limpeza em geral do animal. Atos como lambar, coçar e morder auxiliam em outras funções, como reduzir o estresse, ectoparasitas ou pelos mortos. Outro comportamento que os cães podem apresentar é o ato de rolar na terra ou em outra superfície, seja para autolimpeza, ou como forma de brincadeira (Faraco e Soares, 2013).

#### 2.2.8 Sono

Os cães passam cerca de 50% do seu tempo e em torno de 20% do sono total em sono REM, ou seja, o estágio final do sono, geralmente é nele onde os sonhos acontecem (AMERICAN, 2008). Os cães podem vocalizar e movimentarem-se durante este período do sono. Normalmente, apresentam maior tendência a dormir durante as horas noturnas, podendo se tornar ativos durante a noite caso se torne necessário devido à caça de alimentos ou busca de um parceiro sexual (FRASER; BROOM, 2010).

#### 2.2.9 Distribuição de território

Pequenas disputas entre os animais podem estar associadas ao ambiente e a falta de organização de recursos, por parte do tutor responsável. Outro fator influenciante no comportamento social dos cães é o estresse, porque, os cães podem sofrer diferentes níveis de ansiedade caso o seu ambiente não for bem controlado (O'HEARE, 2008).

Alguns cães são mais aptos para compartilhar, enquanto outros podem optar pela agressão (Yin, 2009). Como solução, deve-se oferecer a cada um oportunidades e benefícios, condizente com seu estado, ou seja, regular bem todos os recursos disponíveis e oferecidos aos cães (BRADSHAW *et al*, 2009). Também, uma boa socialização em um período adequado é a melhor forma de alcançar um ambiente harmonioso entre os cães que coabitam e os humanos (MILLER, 2011). Um cão já habitante

de uma residência, pode estar mais motivado a defender seus recursos caso um novo membro for introduzido, devido à territorialidade (O'HEARE, 2008).

No contexto doméstico, a mesma posição social pode ser partilhada pelos indivíduos, sendo assim, as manifestações de dominância-submissão não possuem o propósito de alcançar uma elevada posição social (Case, 2008). Um cão pode ser dominante em relação à alimentação, mas subordinado quando se trata dos espaços para dormir (EATON, 2010).

## 2.3 PROBLEMAS COMPORTAMENTAIS

Comportamentos indesejados, como latir excessivamente, falta de obediência ou saltos à chegada do proprietário, acontecem, pois foram reforçados e recompensados, e também, porque não foi fornecido uma educação correta (AMERICAN VETERINARY SOCIETY OF ANIMAL BEHAVIOUR, 2008).

É essencial que os médicos veterinários conheçam sobre a área comportamental das espécies para que, assim, possam aconselhar os tutores apropriadamente (HORWITZ; MILLS, 2009).

Para reverter o pensamento de que animais com problemas comportamentais devem ser abandonados ou eutanasiados, os médicos veterinários, independentemente de sua área de atuação, devem transmitir o conhecimento adequado sobre o assunto (LANDSBERG *et al*, 2004).

Quando se avalia problemas comportamentais nos caninos, é importante analisar que o comportamento de certo animal pode ser considerado um problema para certa família, enquanto em outro ambiente pode ser facilmente tolerado. Também é importante considerar que a tolerância do ser humano com os seus animais pode variar conforme suas experiências anteriores, de sua cultura e de seus princípios e ideologias sobre os tipos de comportamento que são considerados adequados. Algumas pessoas podem não se importar que os animais controlem suas vidas, enquanto outras acreditam que se deve manter o controle absoluto sob o animal. (HORWITZ; MILLS, 2009).

Conforme os principais distúrbios comportamentais analisados em cães, podemos citar a ansiedade de separação, a agressividade, e o medo, sendo cães resgatados mais susceptíveis a demonstrarem qualquer alteração de comportamento e de desenvolverem problemas comportamentais (WELLS; HEPPEL 2000).

### 2.3.1 Diagnóstico de problemas comportamentais

O método citado para diagnosticar estes transtornos comportamentais, se baseia em um histórico do animal com um exame físico. Durante a anamnese é importante responder quatro



perguntas básicas: acontecendo exatamente, onde ocorre, quando o problema começou e quando o problema ocorre (BEAVER, 2001). No exame deve-se observar a reação do animal ao interagir com outros animais da mesma espécie, com seres humanos e como reage em ambientes diferentes. Para se diagnosticar corretamente, é importante que seja feita uma lista de diagnósticos diferenciais que incluem problemas médicos e comportamentais (BEAVER, 2001).

Os comportamentos podem ser classificados conforme a etiologia, descrição e função. Em relação à etiologia eles podem ser classificados como normal (instintivo ou aprendido) ou anormal. Em caso de ser anormal, pode-se subdividido em: fisiopatológico, no caso de hereditário ou adquirido, experiencial ou psicossomático. A classificação segundo a descrição demonstra comportamentos como mastigação destrutiva, micção, latido excessivo, escavação, entre outros. A classificação conforme a função descreve a relação entre o animal, o comportamento e o ambiente, obtendo-se uma resposta a estímulos (BEAVER, 2001).

### 2.3.2 Tratamento de problemas comportamentais

O tratamento para problemas comportamentais deve ser elaborado de maneira única e ajustada para cada animal. Informa-se ao proprietário sobre o diagnóstico, discutindo assim os riscos envolvidos e os limites realistas dos objetivos a serem alcançados, assim como o respectivo prognóstico. Define-se então um plano de manejo ambiental, a fim de evitar a exposição do animal a áreas ou estímulos causadores do problema. É importante que a modificação comportamental seja feita para que a resposta do animal ao estímulo torne-se positiva e aceitável. Sendo o treino baseado em recompensas a fim de conseguir a dessensibilização em relação ao estímulo causador do problema (LANDSBERG, 2008).

Antes de se estabelecer um plano terapêutico, é necessário avaliar o nível de comprometimento que o responsável pelo animal tem com a realização do tratamento. O tipo do problema, a etiologia, a duração do problema e a resposta do animal ao treino e a terapia são fatores que podem interferir no prognóstico do tratamento. Para se obter um tratamento efetivo, é necessário que se tenha antes um diagnóstico correto, uma avaliação individual entre os cães envolvidos e sobretudo o comprometimento e obediência do tutor com o tratamento e treinos prescritos pelo médico veterinário (BEAVER, 2001).



### 2.3.3 Ansiedade de separação canina

A ansiedade é um sofrimento psíquico e físico que afeta os animais, trazendo consigo um efeito bastante negativo no comportamento do mesmo. Ela se desenvolve por situações frustrantes, e medo recorrentes, falta de atividades, punições e interações inconstantes e não previsíveis, experiências dolorosas e traumáticas, com qualquer situação a que o animal não consiga escapar ou se adaptar (BARROS, 2012).

Sendo uma doença comum em cães, a síndrome de ansiedade de separação se apresenta por uma variedade de comportamentos, especialmente quando o animal é deixado sozinho sem a presença de seu tutor (NOVAIS *et al*, 2010). Os machos possuem uma maior probabilidade de desenvolver a síndrome, porém ela pode acometer ambos os sexos (TEIXEIRA, 2017).

Cães que passaram por situação de abandono ou foram adotados de um canil possuem uma maior predisposição para desenvolverem a síndrome, pois isso se caracteriza como um fator traumático para o animal (BEZERRA, 2015). É importante durante a adoção dos filhotes, que se respeite o período de sete semanas antes de doar/adotar, pois, caso se separe o filhote das mães antes deste período, acaba aumentando as chances que o cão desenvolva algum comportamento problemático devido à falta de socialização (MACHADO; SANTANNA, 2017).

Cerca de 14% a 39% dos cães podem ser acometidos pela síndrome, porém, ela ainda é uma doença pouco relatada, principalmente em nosso país, contudo ela tem sido diagnosticada com frequência (DALZUCHIO; MIRA, 2014). Cães que sofrem com a síndrome de ansiedade de separação podem apresentar um menor tempo de vida, pois a ansiedade gera estresse ao animal, o que, conseqüentemente, afeta sua qualidade de vida, saúde, prejudica o sistema imunológico e endócrino, aumentando o risco de desenvolver outras doenças (BEZERRA; ZIMMERMANN, 2015).

#### 2.3.3.1 Causas e etiologia

As alterações no ambiente, como, por exemplo, o distanciamento do tutor, pode ser estressante para o cão, o que acaba gerando ansiedade, sendo assim o paciente possui a tendência de desenvolver comportamentos indevidos e até danosos (CAROLINO; FLORÊNCIO, 2019). Um tipo de comportamento a se observar que pode elevar a probabilidade do animal desenvolver a síndrome da ansiedade de separação, é o comportamento típico de ficar rodeando a mesa quando o tutor está se alimentando, ou em alguns casos até de dormir na mesma cama que o dono (DALZUCHIO; MIRA, 2014).

Durante consultas de rotina, as principais queixas relatadas pelos tutores foram a sã vocalização excessiva, agressividade, destruição de objetos e eliminação das necessidades em local inapropriado. Demonstrando assim a importância da anamnese, em um caso que o cão apresente problema comportamental, para se obter o máximo de informações para um diagnóstico correto (TEIXEIRA, 2017).

A causa da síndrome de ansiedade de separação é multifatorial, tendo como possíveis causas, o estresse ambiental por falta de estímulos, espaço inapropriado, falta de socialização durante o período de desenvolvimento, punições negativas e dependência (LINHARES *et al*, 2018). Outras prováveis causas da síndrome podem ter sua origem de alguma experiência traumática sofrida pelo animal. Especialmente em momentos em que ele estava sozinho, como, por exemplo: ficar preso em algum local, barulhos de trovão, sons de alarme, presenciar um roubo na casa ou acidente doméstico como incêndio, (PALESTRINI, 2019).

#### 2.3.3.2 Sinais clínicos

Os sinais da síndrome podem ocorrer logo após a saída do tutor, em média, dentro de cinco a 30 minutos (ROSSI, 2018). Os sinais clínicos encontrados com mais frequência são a vocalização excessiva, micção e defecação inapropriadas, mastigação destrutiva, salivação excessiva, escavação, medo, vômito, tremores, diarreia, lambedura excessiva, automutilação, procura de atenção e agressão (BARROS; SILVA, 2012).

A correta identificação dos sinais clínicos sugestivos da doença, com a investigação dos fatores predisponentes ao desenvolvimento dos problemas comportamentais, possibilita o oferecimento o tratamento necessário, ajudando a evitar o abandono dos maus tratos que podem ser decorrentes de falta de compreensão dos problemas comportamentais (PAIXÃO; MACHADO, 2015).

#### 2.3.3.3 Diagnóstico

Primeiramente deve-se buscar atendimento médico veterinário, para um exame físico detalhado, e buscar informações a respeito de quando se teve início dos sinais e de qual maneira o quadro iniciou (DIAS *et al*, 2012).

A anamnese, compreende o histórico do animal, se possível saber como são os pais, como que esse o cão chegou até o seu atual tutor, como é a sua rotina tanto do tutor, quanto do cão, se há momentos de socialização em família, sejam brincadeiras ou alguma interação. Em que ambiente o

animal vive, pois este fato, além de auxiliar no diagnóstico, também auxilia no tratamento a ser escolhido (BEZERRA; ZIMMERMANN, 2015).

Deve-se questionar ao tutor, o nível de apego do animal com o tutor, se o proprietário nota que o animal demonstra comportamento de ansiedade, principalmente quando o tutor sai ou o deixa sozinho. Um método utilizado para complementar o diagnóstico, é filmar o cão logo após a saída do tutor, possibilitando assim a visualização do comportamento e se os sinais clínicos estão diretamente ligados à síndrome de ansiedade de separação (BARROS, 2015).

A filmagem auxilia na detecção de sinais que muitas vezes não seriam notados pelo tutor, como a taquipneia, o comportamento depressivo e tremores, que normalmente ocorrem quando o tutor já saiu do ambiente. Tornando-se possível identificar sinais de fobia, medo de trovões, medo de som alto, agregando assim, no diagnóstico e na origem da síndrome de ansiedade de separação (BAMPI, 2018). O vídeo se torna o método padrão ouro para diagnosticar a síndrome de ansiedade (HAUSER, 2020).

É interessante a realização de exames de sangue, como hemograma e perfil bioquímico, e com os sinais que o paciente demonstra, realizar exames que o médico veterinário solicite para cada caso (PALESTRINI, 2019).

Durante o exame é importante realizar o diagnóstico diferencial, para descartar outras possíveis doenças (TEIXEIRA, 2019). Doenças estas que podem ter origem comportamental, ou serem enfermidades em sistemas específicos, como, por exemplo, em casos de eliminação inapropriada, deve-se descartar possível cistite ou alguma doença do trato gastrointestinal, também devemos analisar se o animal possui a oportunidade de fazer suas necessidades em um lugar adequado (DIAS, 2013).

#### 2.3.3.4 Tratamento

O tratamento deste problema gira em torno da gradual habituação do cão à ausência do seu tutor, bem como sua dessensibilização aos sinais revelados antes da partida (HUNTHAUSEN, 2010). O treinamento pode ser realizado em outro cômodo da casa, ou enquanto o cão está distraído com algum brinquedo, podendo utilizar uma porta de saída não habitual, ou uma que o animal não veja. O tutor deverá ainda repetir gestos indicativos de saída, sem realmente realizar o ato de sair, em diversos momentos do dia, para que o cão se acostume a observar estes gestos sem os associar à ausência do seu tutor (HAUSER, 2020).

Ao atingir estes objetivos, poderá realizar-se a simulação de duas ou três saídas por dia, não interagindo com o animal por um período de quinze minutos anteriores ao ato, deixando-o entretido.

A princípio, o tempo de ausência será de apenas de alguns segundos a alguns minutos, sendo este tempo aumentado gradativamente, porém não excedendo o tempo em que o animal começa a demonstrar sinais de ansiedade (BAMPI, 2018).

Durante a chegada, o tutor deve ignorar o cão até que o mesmo se acalme (HUNTHAUSEN, 2010; LANDSBERG, 2008). O animal deve conseguir obedecer a comandos simples de seu tutor, como o “fica” e “senta”. Com o treinamento, deve-se haver um acréscimo considerável no exercício diário, sendo que este geralmente possui efeito calmante. O enriquecimento ambiental com brinquedos de borracha recheados de guloseimas ou outras distrações, como o rádio ou outro animal, podem revelar-se úteis, embora em alguns casos a ansiedade seja tal, que mesmo o alimento e os brinquedos são ignorados pelo animal (HUNTHAUSEN, 2010).

#### 2.3.4 Agressividade canina

A agressividade é considerada um comportamento social normal apresentado pelos caninos, sendo decorrentes de processos dinâmicos e sempre de maneira contextualizada. Existem diferentes tipos de agressividade, ela pode ser ofensiva ou defensiva (guiada pelas emoções) e predatória (guiada pelo instinto). Em seu sentido operativo estes comportamentos têm que ser avaliados no determinado contexto (dentro ou fora do canil, da casa), avalia-se o alvo da agressão (sendo estas pessoas ou animais) e a sequência do comportamento agressivo. É necessária a prévia avaliação clínica dos animais com fins de descartar possíveis causas orgânicas, como a dor, alterações neurossensoriais, doenças endócrinas e metabólicas (CALDERON *et al*, 2008).

##### 2.3.4.1 Causas e etiologia

A agressividade costuma ser dividida em agressão ofensiva ou agressão defensiva. No caso da agressão ofensiva, ela é uma tentativa de se alcançar vantagem e está diretamente relacionada com a dominância. Em relação à agressão defensiva, está no que lhe concerne é exercida por uma vítima em direção a um indivíduo, sendo este, tendo sido percebido como ameaça, nela está inclusa casos de agressão induzidos por medo, agressões de conflito, protetora, agressão em caso de dor e defesa territorial ou maternal (HORWITZ; NEILSON, 2008).

Conforme experiências e condicionamentos submetidos durante seu período de desenvolvimento, os padrões de comportamento poderão ser mais complexos (PEREIRA; LANTZMAN, 2013). Sendo a fase de socialização (de 21 a 84 dias) determinante para o desenvolvimento do comportamento canino (PEREIRA; LANTZMAN, 2013).

O treinamento inadequado também pode ser um fator importante de muitas alterações comportamentais, como a agressividade. Os comportamentos agressivos podem acabar sendo recompensados de maneira equivocada, mesmo que não intencional, ao se afagar e tranquilizar o cão que se encontra em estado agressivo, oferecendo recompensas alimentares, este pode entender que rosnar e morder são maneiras eficazes de se conseguir o que deseja, assim como tais atos podem também serem utilizados para evitar uma situação indesejada (por exemplo, o corte de unhas), (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Os dois principais fatores analisados na agressão canina são a raças e sexo do animal. Algumas raças são consideradas mais agressivas que outras, sendo elas Dachshund, American Cocker Spaniel, Jack Russell Terrier, English Springer Spaniels, Pit Bull Terriers, Rottweilers, Australian Cattle Dogs e Basset Hound. No entanto, não se deve atribuir a agressividade apenas à raça (SERPELL; DUFFY; HSU, 2008).

#### 2.3.4.2 Sinais clínicos e diagnóstico

Agressão refere-se ao comportamento ameaçador ou perigoso, direcionado a outro indivíduo ou grupo, caracterizado por rosnados, latidos, ato de morder, olhar fixo, corpo enrijecido, boca fechada, cauda rígida e erguida, orelhas levantadas e pelos arrepiados (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

O desenvolvimento da agressão pode ser resultado de qualquer doença médica, seja ela aguda ou crônica, que cause dor, irritabilidade ou desconforto no animal, pois estas podem diminuir a tolerância de um cão, tornando-o violento, ou alterando seu comportamento normal, fazendo-o agir de maneira estranhamente agressiva (SUEDA; MALAMED, 2014).

A agressão é um comportamento complexo, podendo ser dividido em diversas categorias, sendo cada uma resultante de interações entre diversos fatores diferentes (FATJÓ *et al*, 2007). A forma ideal, para a formulação de um diagnóstico e plano de tratamento, seria a visualização da sequência completa de comportamentos apresentados pelo animal, observadas de maneira direta ou por vídeo.

#### 2.3.4.3 Tratamento

No tratamento e prevenção desta alteração, a socialização e adestramento do cão são indispensáveis. O contra-condicionamento pode levar o animal a aceitar a aproximação de outros mantendo uma postura tranquila e subordinada, diminuindo gradualmente as distâncias e aumentando

a ligação com os locais, utilizando recompensas extremamente atrativas para o animal a fim de premiar a referida postura.

Deve-se ensinar o cão a sentar-se e a concentrar-se somente no tutor para receber a sua recompensa. Comportamento este que deve ser repetido na presença de outro animal ou indivíduo, tendo uma distância que não provoque respostas indesejadas. À medida que a distância do animal com o estímulo diminui, caso o animal não mantenha postura calma e subordinada, deve-se romper as recompensas, e realizar a retirada do tutor e do animal do local. O objetivo deste treinamento é associar a aproximação de um indivíduo ou outro animal a uma situação boa e agradável, evitando assim chegar ao ponto de uma resposta indesejada.

Os castigos, ao contrário do pensamento popular, devem ser evitados, pois acabam aumentando a excitação do animal (HORWITZ, 2007). A realização da gonadectomia pode reduzir o grau de agressividade, porém o procedimento não é considerado uma cura para a alteração comportamental, o tratamento farmacológico para o agressor poderá ser realizado com clomipramina, fluoxetina ou fluvoxamina, variando a duração do tratamento conforme o caso (FRANK, 2010).

### 2.3.5 MEDOS E FOBIA

O medo é considerado um comportamento normal, até o ponto em que este se transforma em fobia, momento em qual o animal exhibe reações exageradas em relação ao estímulo (BOWEN, 2007; CROWELL-DAVIS, 2009). Considerando os sons estrondosos, na natureza, eles podem ser sinais de perigo. Se tornando um problema quando o animal reage de maneira excessiva aos estímulos associados aos sons, sendo que estes, não apresentam uma ameaça (CROWELL-DAVIS, 2009).

#### 2.3.5.1 Causas e etiologia

Podendo ser causados por fatores genéticos, os medos e fobias, também podem ser aprendidos através de uma experiência traumatizante ou ser desenvolvido através de uma socialização inadequada. O medo resultante de um forte componente genético ou de privação social é mais complicado de se corrigir, sendo o medo adquirido possuindo um melhor prognóstico (HUNTHAUSEN, 2010).

### 2.3.5.2 Tratamento

O comportamento relacionado com o medo, como a fuga e a agressividade, são reforçados quando denominados bem sucedidos pelo animal, sendo estas situações momentos em que estes comportamentos afastam o estímulo do medo do cão. Entre as técnicas de modificação comportamental voltadas a correção deste comportamento, podemos citar a técnica de imersão, a dessensibilização sistemática, a habituação, o reforço positivo ou o contra-condicionamento, podendo ser utilizadas tanto isoladamente ou em associação (HUNTHAUSEN, 2010).

Até que o tratamento seja concluído, deve-se identificar e controlar todos os estímulos causadores de medo. Contudo, nem sempre isso é possível, como no caso de trovoadas, visitas em casa ou trânsito, nessas situações o animal deve ser cuidadosamente controlado, a fim de se evitar lesões e o agravamento do problema. A utilização de gaiolas, guias ou focinheiras ajudam a prevenir tanto as lesões, como a eventual fuga do animal. A melhor atitude será fazer com que o cão demonstre um comportamento aceitável, como sentar-se ou deitar-se, recompensando-o quando se tranquilizar e não manifestar o medo. Porém, em alguns casos, a decisão mais sensata será o afastamento imediato do animal do estímulo (HUNTHAUSEN, 2010).

O estímulo positivo, como petiscos ou do brinquedo favorito, são extremamente motivantes, e não devem ser utilizados fora das sessões de treino. Assim, o animal associará experiências positivas ao estímulo que lhe provocava medo. Como forma de contra-condicionamento e dessensibilização, o animal é exposto a um baixo nível de estímulo, sendo este o que origina a resposta indesejada (BOWEN, 2007; HUNTHAUSEN, 2010)

O animal apenas receberá a recompensa quando não demonstrar medo, sendo, gradativamente, exposto a níveis mais intensos de estímulo. Com o tempo, o comportamento do animal deve ser tranquilo sobre a presença do estímulo em sua intensidade máxima. Se os níveis do medo forem exacerbados em algum momento, o tutor deverá retroceder para um nível anterior antes de continuar utilizando aumentos de intensidade menores (HUNTHAUSEN, 2010).

### 2.3.6 ELIMINAÇÃO INADEQUADA

A eliminação inapropriada, seja a micção ou a defecação, pode ser considerado um sinal de diversas patologias, como, por exemplo, doenças renais, cistites, uretrites, prostatite, vaginite, enterite, colite, diarreia, qualquer fator que cause polidipsia e poliúria, assim como a incontinência urinária ou fecal (LANDSBERG *et al.*, 2003; SEKSEL, 2004). Contudo, em muitos casos, a eliminação inapropriada pode também estar relacionada com alguma alteração comportamental,



como, por exemplo, a ansiedade, o que pode resultar na persistência deste comportamento após o tratamento da condição médica (SEKSEL, 2004).

A incontinência urinária pode ser uma consequência de problemas neurológicos relacionados com a lesão do neurônio motor superior resultante no esvaziamento da bexiga assim que ela se encontrar repleta de urina, sem haver um controle voluntário deste ato, ou do neurônio motor inferior, levando a fraqueza da bexiga, tendo como consequência o eventual extravasamento da urina. Pode também haver causas anatômicas para esta alteração, como nas anomalias congênitas relacionadas com ureteres ectópicos, defeito este mais frequentemente observado em cães do sexo feminino, mas que também ocorre em felinos, possuindo neste caso, uma frequência igual. Ela pode ocorrer também, devido à lesão, seja ela muscular ou neurológica, secundária a processos inflamatórios ou neoplásicos (SEKSEL, 2004).

A incontinência fecal está relacionada com uma deficiência no controle do esfíncter, podendo este ser secundário a diversos problemas traumáticos, neurológicos ou degenerativos, como hérnias perineais ou a um aumento da irritação intestinal (SEKSEL, 2004).

No cão, as causas mais frequentes da eliminação inapropriada são o adestramento inadequado, a submissão e a excitação no caso dos filhotes e jovens, a marcação de território no caso dos não castrados e a ansiedade de separação no caso de adultos. A incidência dos problemas médicos que podem acabar por alterar a eliminação fisiológica do animal, são mais comuns durante o período geriátrico do animal, sendo muitas vezes uma causa indireta para este comportamento. Enfermidades como artrite, perdas sensoriais e fraqueza, podem fazer com que o animal evite a utilização de escadas para chegar ao seu local adequado de realização de necessidades, podendo também sentir desorientação ou dificuldade locomotoras, realizando a micção e a defecação em local indevido (HUNTHAUSEN, 2010a; LANDSBERG *et al*, 2003).

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS**

A recolha de dados realizou-se mediante a distribuição de um questionário aos tutores e/ou protetores de animais caninos, da cidade de Cascavel-PR. Foram distribuídos um total de 50 questionários a serem preenchidos online, através da ferramenta Google Forms®, cujo link foi divulgado também pelo aplicativo de mensagem WhatsApp®. O processamento das respostas foi realizado através do próprio Google Forms®, que já disponibiliza as respostas preenchidas de maneira processada.

O questionário, apresentado no anexo 1, é composto por duas partes. A primeira parte aspira conhecer as características do proprietário, incluindo as seguintes variáveis: idade, sexo, número,

pessoas que moram na residência, número de animais sob sua posse e/ou responsabilidade, número de horas dedicadas ao animal e com que frequência ele visita o veterinário.

A segunda parte do questionário (anexo 1), diz respeito ao animal, em particular, do canino sob a proteção do protetor/tutor, e inicia-se com a definição de sua raça, bem como com a determinação da sua origem, analisando certas variáveis como o sexo, a idade, ocorrência de gonadectomia, a quanto tempo o animal está sob os cuidados do atual tutor, qual a raça do animal, sua origem e se o animal já passou por alguma situação de maus tratos que o atual tutor possa saber.

Segue-se a caracterização do meio ambiente onde o animal se insere, particularmente sobre o local onde passa o seu tempo e onde dorme, assim como à sua alimentação e ao número de horas que ele passa sozinho. Também se é questionada a existência de doenças diagnosticadas, perguntado-se também se o atual tutor e/ou protetor alguma vez notou alteração no comportamento normal do animal, sendo apresentada uma lista de sinais comportamentais, no sentido de avaliar quais os mais frequentemente identificados pelo tutor e/ou protetor.

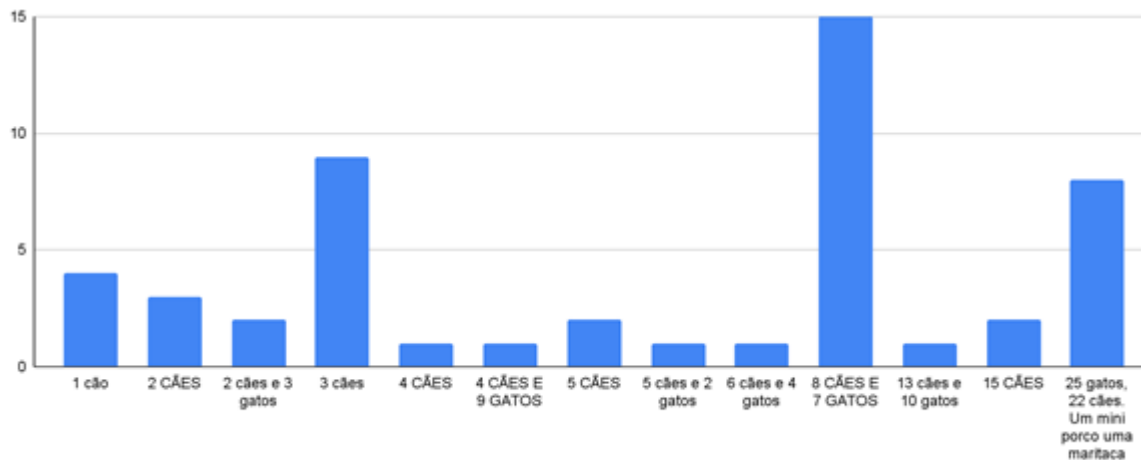
Se analisa também, alterações no meio ambiente ou a ocorrência de fatores traumatizantes durante a vida do animal. Por fim, questiona-se ao tutor e/ou protetor, quais métodos de tratamento ele já buscou para comportamentos indesejados e se ele optaria pela eutanásia em casos de agressividade extrema em animais sob seu cuidado.

#### **4. RESULTADOS**

Foram inicialmente aceitos questionários de qualquer tutor e/ou protetor de cães resgatados e/ou adotados adultos, residentes da cidade de Cascavel-PR, BR. Obteve-se assim a resposta referente a 50 animais caninos resgatados.

Os tutores e/ou protetores possuíam em média de 1 a 22 cães em casa, e cerca de 2 a 25 gatos, conforme o gráfico 1.

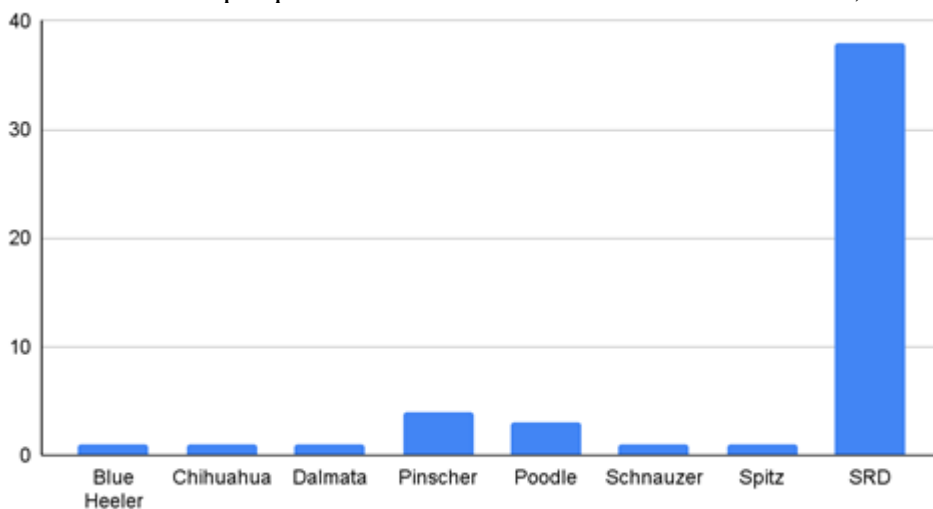
Gráfico 1 – Número de cães e gatos sob os cuidados dos atuais protetores e/ou tutores, envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, no ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os cães resgatados analisados são em sua maioria animais sem raça definida (SRD), totalizando 38 cães SRDs, com alguns cães de raça definida, sendo estes 1 Blue Heeler, 1 Chihuahua, 1 Dalmata, 4 Pinschers, 3 Poodles, 1 Schnauzer, E 1 Spitz alemão, conforme o gráfico 2.

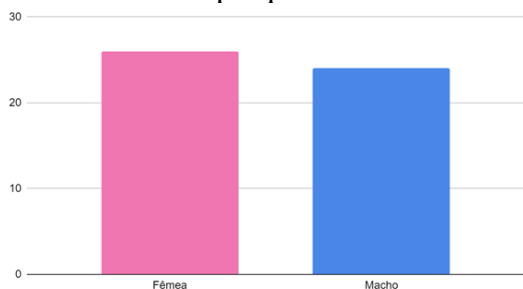
Gráfico 2 – Relação de raças de cães resgatados sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação aos dados sobre o sexo dos animais, encontrou-se uma distribuição semelhante entre cães analisados, porém, com uma predominância de fêmeas sendo resgatadas, obtendo-se assim um total de 26 fêmeas e 24 machos, conforme o gráfico 3.

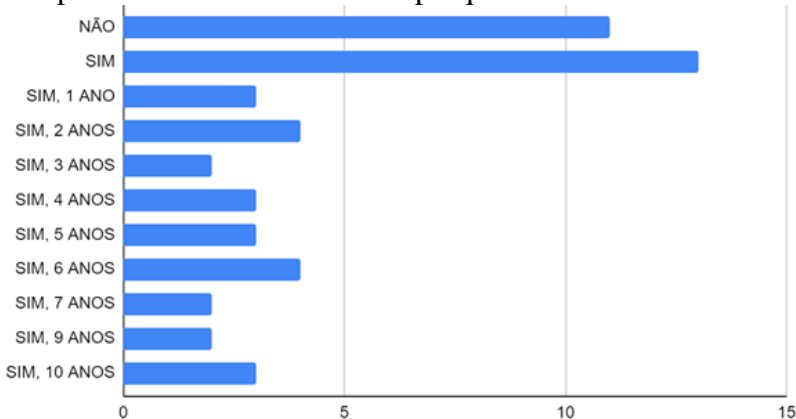
Gráfico 3 – Relação de sexo de cães resgatados sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os animais avaliados, 39 destes cães são castrados, sendo que no caso de 13 dos animais os tutores e/ou protetores não souberam informar há quanto tempo havia passado desde que o animal realizou procedimento de gonadectomia. O tempo do restante dos animais desde a realização da castração varia de 1 a 10 anos, conforme o gráfico 4. Averiguou-se também uma diminuição no quadro de marcação territorial relatada pelos tutores e/ou protetores, com diminuição de agressividade em um caso, e diminuição de comportamento sexual em outro caso, outro fator relatado é o aumento de peso dos animais após a realização da gonadectomia no animal. Contudo, diversos tutores relataram não haver mudanças no comportamento normal do cão após a realização da cirurgia.

Gráfico 4 – Relação de animais castrados e seu tempo de castração sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.

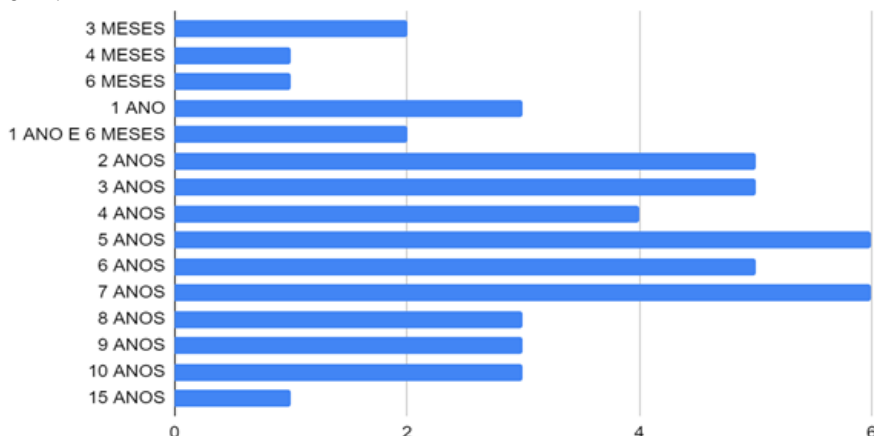


Fonte: Dados da pesquisa.

Os cães possuíam em média de resgate e/ou adoção um tempo variando de 3 meses a 15 anos. Sendo 2 cães tendo como tempo de resgate 3 meses, 1 cão tendo tempo de quatro meses, 1 sendo resgatado a 6 meses, 3 com tempo de resgate de 1 ano, 2 com tempo de resgate de 1 ano e meio, 5 com tempo de resgate de 2 anos, 5 com tempo de resgate de 3 anos, 4 com tempo de resgate de quatro anos, 6 com tempo de resgate de 5 anos, 5 com tempo de resgate de 5 anos, 6 com tempo de resgate

de 7 anos, 3 com tempo de resgate de 8 anos, 3 com tempo de resgate de 9 anos, 3 com tempo de resgate de 10 anos e 1 com tempo de resgate de 15 anos, conforme o gráfico 5.

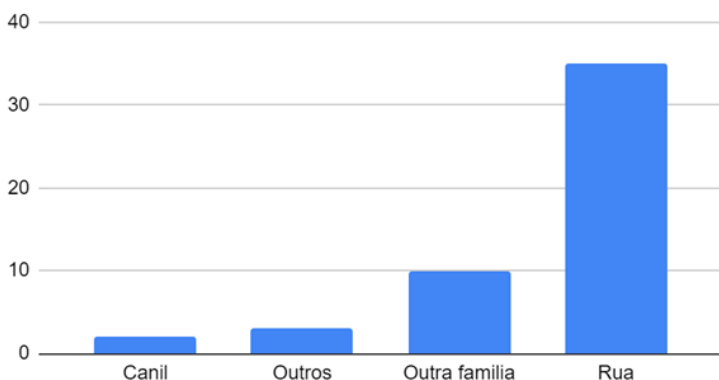
Gráfico 5 – Relação de tempo de resgate e/ou adoção dos cães avaliados sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao que se refere a origem do animal avaliado pelo tutor, 35 cães originaram da rua, sem conhecimento de seu histórico, 10 foram adotados de outra família, 2 vieram de canis, sem a especificação de serem comprados ou adotados, e 3 foram resgatados de situações variadas, como, por exemplo: “Processo judicial médica veterinária perdeu crmv por maus tratos e utilização da Lilica em cirurgia da coluna como cobaia”, “Jogaram ela para fora de um carro em andamento quando tinha uns 60 dias” e “Chácara. Estava com os pés e mãos queimadas”, conforme o gráfico 6.

Gráfico 6 – Origem dos animais resgatados e/ou adotados avaliados sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.

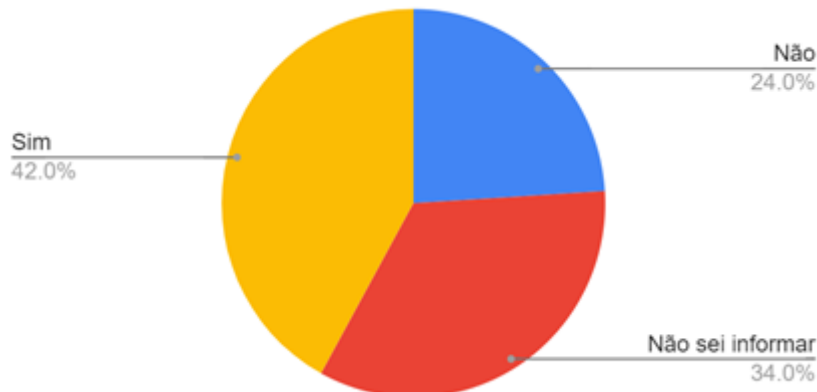


Fonte: Dados da pesquisa.

Cerca de 42% dos tutores e/ou protetores afirmaram que os cães sob seus cuidados já haviam passado por alguma situação de maus tratos anteriormente, 24% disseram que os cães nunca haviam

passados por situações de maus tratos, e 34% não souberam informar se seus cães haviam passado por situações de maus tratos, conforme o gráfico 7.

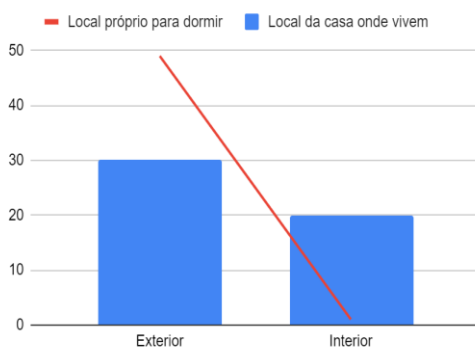
Gráfico 7 – Histórico de maus tratos, animais resgatados e/ou adotados avaliados sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Após serem resgatados, a maioria dos animais, 30 dos cães, ou seja, 60% dos casos, viviam na parte exterior da casa, e apenas 20 dos 50 animais, ou seja, 40% passavam a maioria do seu tempo na área interior da casa. Dentre os 50 animais avaliados, apenas 1 deles não possuíam local próprio para dormir, conforme o gráfico 8.

Gráfico 8 – Relação de local da casa mais utilizado pelos animais avaliados e se eles possuem um local próprio de descanso sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.

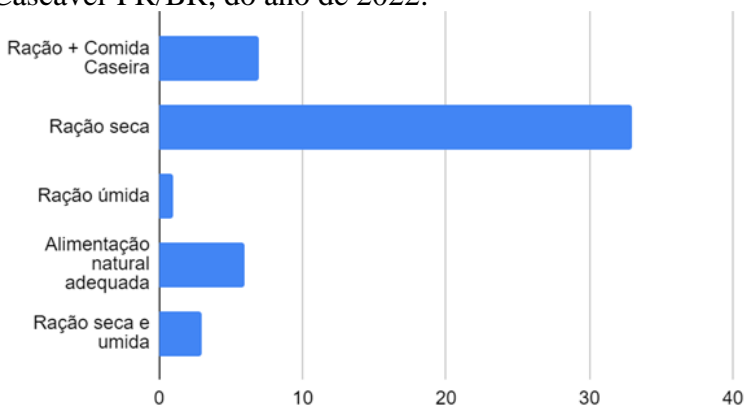


Fonte: Dados da pesquisa.

Em geral, os animais se alimentam principalmente de ração seca, 66% dos cães alimentados desta maneira, seguido de ração mais o acréscimo de sobras da comida caseira, compondo 14% dos casos, a alimentação natural ficou em terceiro lugar da escolhida pelos tutores e/ou protetores com 12% dos animais a utilizando, a combinação de ração seca mais o acréscimo da ração úmida

apresentou 6% dos casos e por fim a alimentação somente com a ração úmida com apenas 2% dos cães resgatados a utilizando, conforme o gráfico 9.

Gráfico 9 – Alimentação escolhida pelos tutores e/ou protetores dos cães resgatados avaliados sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.

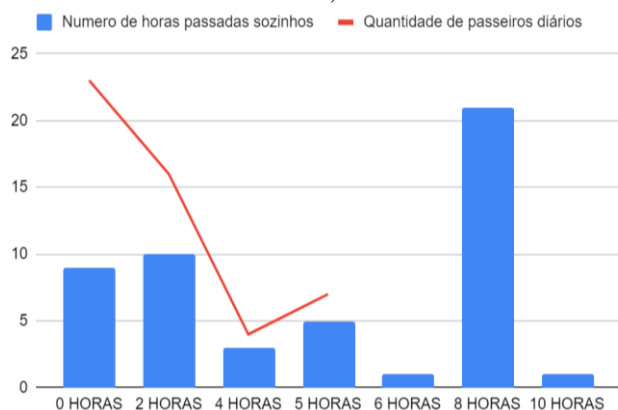


Fonte: Dados da pesquisa.

No que se diz respeito a recompensas recebidas por realizar atos denominados corretos pelos tutores e/ou protetores, 68% dos entrevistados afirmaram dar petiscos como recompensas, e 32% disse não oferecer petiscos como recompensas por atos realizados.

Os tutores e/ou protetores informaram que os cães passam em média de 0 a 10 horas sozinhos em casa, sendo que 23 dos animais não saem de casa para passear, 16 costumam passear de 1 a 2 vezes por dia, 4 passeiam de 2 a 4 vezes por dia e apenas 7 passeiam mais de 4 vezes ao dia, como pode ser visto no gráfico 10 a seguir.

Gráfico 10 – Relação de número de horas passadas sozinhas com a quantidade de passeios diários dos cães sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



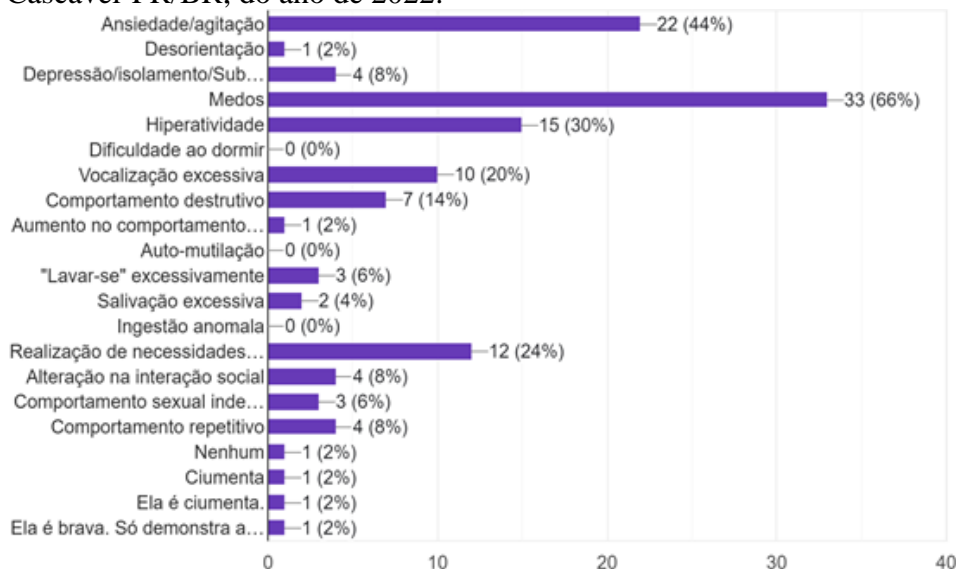
Fonte: Dados da pesquisa.



Quando questionados sobre o diagnóstico de alguma doença no animal, que possam eventualmente ter alguma reação com o seu comportamento, dos 50 animais, 37 dos cães nunca foram diagnosticados com nenhum tipo de doença, sendo que somente 1 tutor não soube informar sobre o histórico de seu cão, e os demais sendo diagnosticados 1 com neoplasia ocular, 1 com cinomose, 2 com erliquiose, 1 com erliquiose mais gastrite, 1 com infecção urinária, 1 com anemia, 1 com Tumor Venéreo Transmissível em Cães (TVT) mais displasia coxofemoral, 1 com epilepsia, 1 com otite, 1 com alergia alimentar, e 1 com asma.

A resposta à questão “O teu animal alguma vez demonstrou alterações no seu comportamento normal?”, incluída no questionário distribuído, revelou que 14 dos 50 cães exibiram alterações comportamentais identificáveis pelos tutores e/ou protetores em algum momento da sua vida, 24 cães nunca apresentaram nenhum tipo de alteração comportamental identificável pelo atual tutor e/ou protetor, e 12 dos cães nunca apresentaram nenhum tipo de alteração perceptível pelo atual tutor e/ou protetor. As frequências absolutas dos sinais vistos pelos tutores em seus animais são representadas no gráfico 11. A leitura deste gráfico deve ser feita considerando que o mesmo animal pode apresentar mais do que uma alteração, e que alguns dos sinais apresentados a seguir não são considerados alterações comportamentais por alguns tutores e/ou protetores.

Gráfico 11 – Alterações comportamentais identificadas pelos proprietários de cães resgatados sob os cuidados dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os medos (33 animais), a ansiedade ou agitação (22 animais), a hiperatividade (15 animais, e a realização de necessidades em local apropriado (12 animais) são as alterações mais frequentemente reconhecidas pelos tutores e/ou protetores dos 50 cães avaliados.

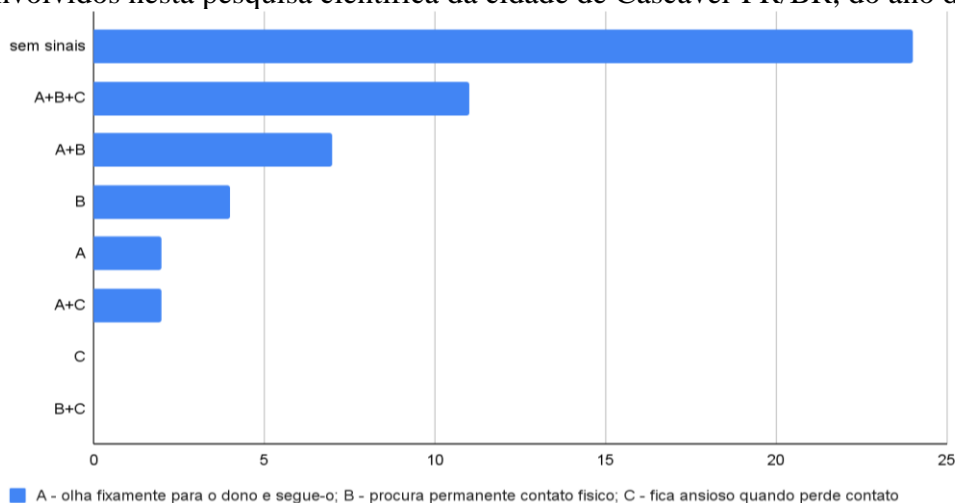
Os medos relatados nos cães referem-se a sons altos e fora do comum (tiros, trovões, fogos de artifício, entre outros), a pessoas estranhas, a determinados movimentos bruscos, automóveis (carros), objetos (vassouras), certos tipos de pessoas (humanos do sexo masculino) e em relação a outros animais.

No caso de comportamentos repetitivos notados pelos tutores e/ou protetores, pode-se citar a lambedura de patas, em específico a região de coxim e unhas, pulo excessivo.

Somente no caso de 11 dos cães avaliados foi-se possível determinar o momento de início das alterações comportamentais, sendo que alguns casos os cães já foram resgatados com problemas, ou situações como a chegada de um novo animal na casa, ou a gravidez da tutora acabou desencadeando a alteração no comportamento normal.

De entre três sinais reveladores da importância da ligação e da dependência dos animais em relação aos seus atuais tutores, os mais frequentemente identificados, nos 50 cães que exibiram alterações comportamentais, estão representados no gráfico 12. Sendo que a maioria dos tutores notou o início destes sinais logo após a adoção/resgate do animal.

Gráfico 12 – Sinais de dependência identificados pelos tutores e/ou protetores dos cães resgatados envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

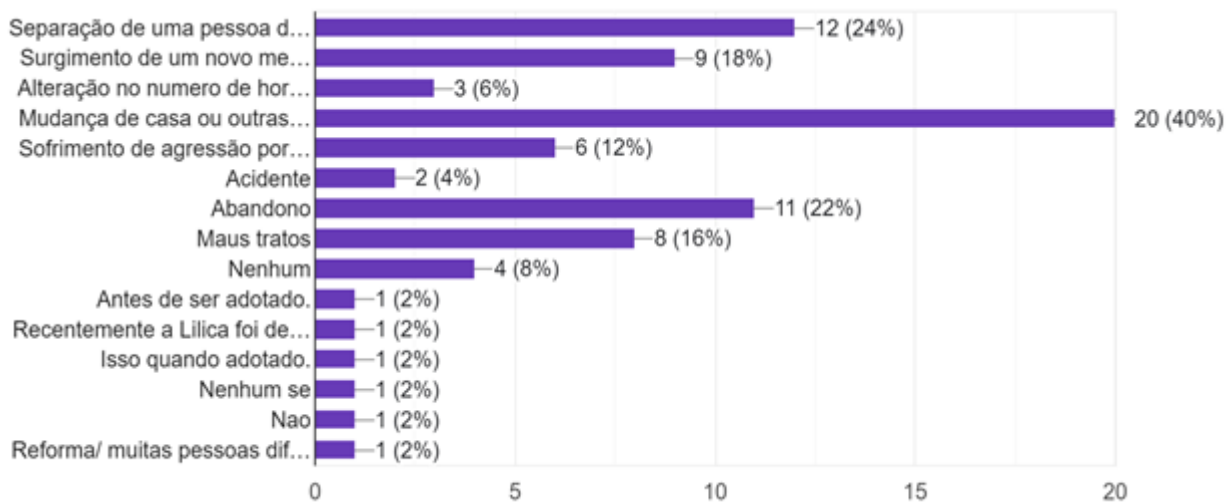
Verifica-se que em 24 dos cães não foi reconhecido nenhum dos sinais descritos de A a C. No entanto, no caso de 11 dos cães os três sinais apresentavam-se de maneira simultânea, o sinal mais observado de maneira total foi o de constante contato físico com o tutor e/ou protetor, sendo este sinal encontrado tanto de maneira isolada, como em conjunto com o olhar fixo no dono e aparente ansiedade em caso de perda de contato visual.

Em relação à agressividade com conhecidos questionada aos tutores e/ou protetores dos cães, 34 dos cães nunca apresentaram nenhum tipo de agressividade com conhecidos, 11 apresentaram

agressividade com animais já conhecidos, e 5 cães apresentaram agressividade com pessoas conhecidas. No caso de agressividade em relação a pessoas estranhas, 30 dos cães nunca apresentaram agressividade com pessoas estranhas, 11 apresentaram agressividade com animais estranhos, e 9 apresentaram agressividade com pessoas estranhas.

Com a realização do questionário, tornou-se possível constatar que 44 dos cães analisados passaram em algum momento de sua vida por algum tipo de fator traumatizante, conforme se observa no gráfico 13. A leitura deste gráfico deve ser feita considerando que o mesmo animal pode ter sofrido mais do que uma alteração.

Gráfico 13 – Histórico de fator traumatizante relatados pelos tutores e/ou protetores dos cães resgatados envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



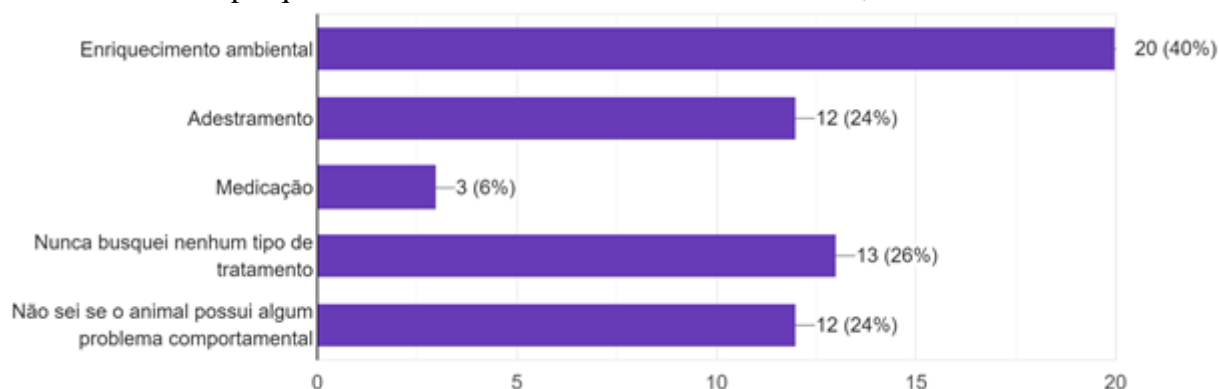
Fonte: Dados da pesquisa.

As alterações mais citadas pelo qual os animais resgatados passaram foram a mudança de casa ou alteração na rotina do animal, seguida da separação de uma pessoa da família ou animal, o abandono, o surgimento de um novo membro na família ou outro animal e situações de maus tratos antes de seu resgate.

No gráfico 14, podemos analisar dados referente ao tratamento dos problemas comportamentais, no caso de 13 dos cães, nunca se foi buscado nenhum tipo de tratamento e 12 dos animais não se tem o conhecimento da existência de um problema comportamental. O enriquecimento ambiental é a maneira mais procurada pelos tutores e/ou protetores dos cães resgatados, sendo que 20 dos cães passaram por manejo de enriquecimento ambiental, 12 dos cães passaram por adestramento, e somente 3 por tratamento medicamentoso, no qual os tutores e/ou protetores não souberam informar, qual fármaco utilizado. A leitura deste gráfico deve ser feita considerando que o mesmo animal pode passar por mais de uma maneira de tratamento, seja de maneira simultânea ou

separada, deve-se considerar também que o mesmo cão pode nunca ter sido diagnosticado com uma doença por um médico veterinário, sendo assim realizada a busca separada de tratamentos alternativos como no caso de adestramento e manejo ambiental.

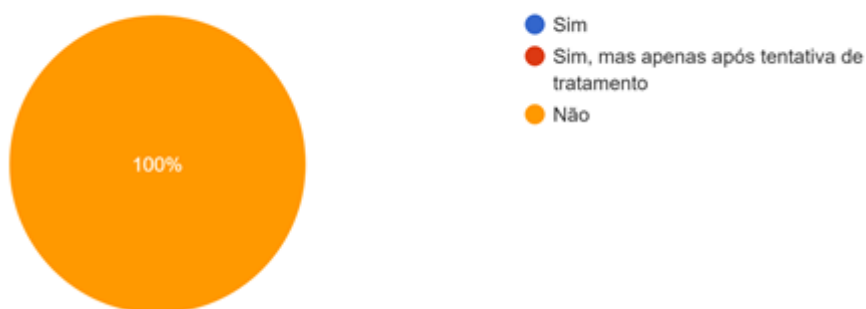
Gráfico 14 – Tratamentos buscados pelos tutores e/ou protetores dos cães resgatados avaliados envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os tutores e/ou proprietários também foram questionados sobre a opção de eutanásia para cães que apresentem problemas de agressividade, no qual 100% dos entrevistados afirmaram que nunca escolheriam a eutanásia como um meio para cães agressivos, e nenhum tutor e/ou protetor já recorreu a este método antes (gráfico 15).

Gráfico 15 – Opção pela eutanásia em animais com problemas graves de agressividade dos atuais tutores e/ou protetores envolvidos nesta pesquisa científica da cidade de Cascavel-PR/BR, do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

## **5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Apesar das respostas obtidas através deste questionário, houve um limite das mesmas devido à forma pelo qual ocorreu a distribuição do formulário, essencialmente, a tutores e/ou protetores com acesso à internet. Não se pode considerar, por esta razão, que se trata de uma amostra representativa de toda a cidade de Cascavel-PR/BR. No que diz respeito a formulação deste questionário, especificamente sobre as questões que ofereciam a possibilidade de resposta aberta, representou um problema na leitura dos dados obtidos, uma vez que, além de ter tornado a leitura dos dados mais lenta, levantou também algumas incertezas em relação às respostas dos entrevistados. Reconhece-se que algumas das questões apresentadas podem ter despertado dúvidas na sua interpretação, orientando as respostas numa direção não desejada. Estes seriam, sem dúvidas, pontos a se melhorar na aplicação futura deste questionário.

Um questionário semelhante ao apresentado seria adequado durante uma consulta comportamental, para se abordar um cliente novo, permitindo assim a obtenção de dados necessários de uma avaliação preliminar das características do cão e do seu ambiente de convívio, bem como suas interações com a família e com os outros animais da residência. Permitiria ainda identificar quais alterações comportamentais são observadas pelo tutor, auxiliando assim o médico veterinário na elaboração de um diagnóstico, com um plano de tratamento específico para aquela situação.

Em relação aos 50 cães analisados neste formulário, apurou-se que o tempo de resgate destes animais varia entre 3 meses a 15 anos, sendo sua média de 4,96 anos de resgate, tornando-se possível avaliar com este dado, que cães que possuem um tempo maior de resgate, e estão a mais tempo longe de situações de riscos, apresentam uma menor incidência de alterações comportamentais, sendo estas relatadas com mais frequências em cães recém-adotados ou resgatados. Apesar de a maioria dos animais avaliados não possuírem raça definida, 38 dos 50 cães são SRDs, existem 12 cães de raças definidas que foram resgatados, sendo ainda possível determinar que 26 dos cães resgatados avaliados são fêmeas e 24 são machos.

Ao identificarem as alterações comportamentais em seus animais de companhia, os tutores e/ou protetores que responderam a este questionário revelaram que alterações de diversas formas ocorreram em todos os 50 cães avaliados, exibidas tanto isoladamente como em associação entre elas.

Em relação ao medo, sendo esta a alteração comportamental mais referida pelos tutores e/ou protetores de cães resgatados, relatadas em 33 dos cães avaliados, observou-se que o medo mais apresentado por estes animais estavam relacionados a sons altos ou fora do comum, tendo também sido citados medo a gestos bruscos e a pessoas estranhas, com o medo de carros ou vassouras. Segundo a literatura consultada, o medo pode ser considerado comportamento normal até certo ponto,

transformada em fobia quando se observa uma reação de maneira exagerada em relação ao contexto em que se insere (BOWEN, 2007).

Segundo Hunthausen, 2010, os medos e fobias podem provir de um fator genético, porém em sua maioria dos casos, são aprendidos através de uma experiência desagradável e/ou traumatizante pela qual o animal possa ter passado, também pode ser o resultado de uma socialização inadequada, o que neste caso, tanto o fator de experiências desagradáveis quanto uma possível socialização inadequada, condiz com a situação em que os cães avaliados se encontram, sendo que em sua maioria, no caso 44 cães ao total, passaram por algum fator traumatizante durante a sua vida. Hunthausen, 2010, também afirma que comportamentos relacionados com o medo, como a fuga e a agressividade, são reforçados quando denominados bem sucedidos pelo animal, sendo estas situações momentos em que estes comportamentos afastam o estímulo do medo do cão.

No que se diz respeito à agressividade, verificou-se que este problema aumentou de frequência de pessoas conhecidas para pessoas desconhecidas e permaneceu o mesmo em relação a animais conhecidos e animais desconhecidos. Em somente um dos casos de agressividade o tutor relatou que após a realização da gonadectomia houve uma diminuição no grau da agressividade, o que condiz com Frank, 2010, que, sendo possível que a realização da gonadectomia possa reduzir o grau de agressividade, o procedimento não é considerado uma cura para a alteração comportamental. Como estes cães estão, em muitos casos, em situação de lar temporário, possuindo estes diversos animais em apenas uma residência, torna-se compreensível que exista uma maior probabilidade de surgirem confronto entre os mesmos, originados pela procura do controle de determinados contextos sociais ou recursos ambientais.

Outra questão a se considerar, refere-se às doenças mencionadas pelos próprios tutores e/ou protetores durante este questionário, pois, conforme a bibliografia consultada (SUEDA; MALAMED, 2014), o desenvolvimento da agressão pode ser resultado de qualquer doença médica, seja ela aguda ou crônica, que cause dor, irritabilidade ou desconforto no animal, pois estas podem diminuir a tolerância de um cão, tornando-o violento, ou alterando seu comportamento normal, fazendo-o agir de maneira estranhamente agressiva. A agressão é um comportamento complexo, podendo ser dividido em diversas categorias, sendo cada uma resultante de interações entre diversos fatores diferentes.

A constante dependência do cão em relação ao seu tutor, levou ao questionamento referente a alguns sinais apresentados por parte dos animais de companhia, sendo estes: o hábito de olhar fixamente ao tutor, seguindo-o, a constante procura por contato físico, e a demonstração de ansiedade quando há a perda de contato visual. No grupo de animais avaliados, verificou-se que 26 dos animais

apresentavam algum destes sinais clínicos, sendo indicativo principalmente da síndrome de ansiedade de separação canina (DALZUCHIO; MIRA, 2014).

Conforme a bibliografia consultada (BARROS; SILVA, 2012), nos cães, problemas de ansiedade, têm como característica originar a exibição de outros comportamentos indesejados, como a vocalização excessiva, micção e defecação inapropriadas, mastigação destrutiva, salivação excessiva, medo, lambedura excessiva, automutilação, procura de atenção e agressão. Estes problemas foram reconhecidos, em diferentes quantidades, pelos tutores e/ou protetores dos animais avaliados, como veremos em seguida. É importante não esquecer que alguns comportamentos podem ser considerados normais pelos tutores, uma vez que sempre foram exibidos pelos seus animais ao longo de sua vida.

O comportamento destrutivo foi observado em 7 cães, sendo este quando associado a ansiedade, por fator de estresse, estar relacionado com situações como a presença de fome, doença, frustrações, fobias, estresse ambiental por falta de estímulos ou espaço inapropriado (LINHARES, 2018).

A automutilação, em si, não foi observada em cães avaliados, no entanto, este comportamento, muitas vezes, é consequente da lambedura excessiva de certas regiões do corpo do animal, comportamento este reconhecido em 4 dos casos relatados. A vocalização excessiva foi observada em 10 dos cães avaliados, sendo que em apenas 2 dos casos o animal havia sido previamente diagnosticado com alguma enfermidade. Este fato, especialmente em casos no qual este problema existe desde o início da vida do animal, sempre estará relacionado com a ansiedade, principalmente quando se há a necessidade de estabelecer frequente contato físico com outros animais ou pessoas.

Em relação à realização de necessidades em local inapropriado, sendo este um problema exibido por 12 dos cães relatados, dos quais 9 são animais castrados. De acordo com Seksel (2004), este fator pode estar relacionado a um componente educativo, demonstrando persistência mesmo após a realização de tratamento médico. Sendo também denominada um sinal de ansiedade (BARROS; SILVA, 2012), quando não houver nenhum outro problema médico previamente diagnosticado.

Outra alteração frequentemente relatada nos cães avaliados, foi a questão de hiperatividade, ocorrendo em 15 dos 50 cães resgatados, sendo esta alteração muitas vezes uma consequência de outras, como, por exemplo, ao comportamento destrutivo e a ansiedade, este comportamento também pode ser causado devido a um ambiente inapropriado com a falta de exercícios ou estímulos que possam ocupar o tempo do cão.

Além das alterações citadas anteriormente, várias outras foram relatadas pelos tutores e/ou protetores, sendo estas: desorientação, submissão ou depressão, aumento no comportamento predatório, salivação excessiva, alteração na interação social, comportamento sexual indesejado, comportamento repetitivo e ciúmes. No entanto, estas alterações ocorreram em um número reduzido



de animais, ou correspondem a sinais clínicos inespecíficos, não se considerando que exista interesse em sua análise, tendo em consideração a amostra em estudo.

As respostas do questionário permitiam reunir e analisar diversas informações não apenas dos animais, mas também de seu ambiente de convívio. Tentando analisar a relação do tutor e/ou protetor com os seus animais, incluiu-se uma questão sobre o número de horas do dia dedicadas aos animais. Com base nas respostas obtidas notou-se que quase metade dos cães avaliados (21 animais) passam cerca de 8 horas do dia totalmente sozinho, e 23 dos 50 cães avaliados não possuem o costume de sair de casa para passeios, notou-se com esta questão que os tutores e/ou protetores consideram que todas as horas em que estão em casa, são consideradas tempo gasto com o animal, parecendo não compreender que as necessidades de alguns animais vão além de apenas a presença do tutor no mesmo ambiente (BARNARD, 2014), sendo que para garantir o bem-estar dos animais, torna-se necessário oferecer estímulos físicos e/ou mentais, assim como a socialização com o tutor, seja por meio de passeios, brincadeiras e carinhos.

O ato do passeio promove situações de socialização, exercícios e de convívio com o tutor, porém, mais importante que a quantidade de passeios diários, é a qualidade destes passeios, seja em quantidade de tempo, ou de interações obtidas durante o mesmo, sendo estas com o dono, outros animais ou outras pessoas. Os animais que nunca saem de casa, podem-se encontrar mais suscetíveis a alterações comportamentais ao longo do tempo, visto que os animais, particularmente o cão, são extremamente comunicativos e sociáveis (CALDERON, 2008)

Em relação às frequências de visitas ao veterinário, a maioria dos tutores relatou somente visitar o veterinário em caso de doença ou necessidade do animal, fato este que reflete uma considerável sensibilização do tutor em relação a eventuais problemas, tanto referente a doenças quanto a comportamento, que possam ser apresentados pelo animal, bem como o cumprimento da vacinação dos animais.

Devido à origem dos animais avaliados neste questionário, sendo 35 originários da rua, sem conhecimento de seu histórico, 10 provenientes de outras famílias, e 3 cães resgatados de situações diversas, tornou-se impossível então alcançar algumas conclusões neste estudo, uma vez que não se há a obtenção de respostas para perguntas como, a idade do animal, com qual idade ele foi separado da mãe, ou o número total de proprietários que o animal já teve, sendo estes dados, muitas vezes desconhecidos pelos atuais tutores e/ou protetores.

Visando investigar os hábitos dos animais relatados, questionou-se sobre o ambiente onde o animal vive, em qual local da casa ele passa a maioria do seu tempo, qual a sua alimentação, o número de horas que passa sozinho e o número de passeios diários realizados. Com os resultados obtidos, observou-se que os cães resgatados em sua maioria passam grande parte do seu tempo na parte

exterior da casa, sendo que apenas 1 dos cães não possui local próprio para dormir. Em respeito a alimentação oferecida a estes cães, os tutores e/ou protetores tendem a recorrer à ração seca, sendo em alguns casos realizado a mistura com comida caseira, o que se deve ao fato que vários dos protetores se encontram sobrecarregados de animais sob os seus cuidados, levando-os a possuir um número elevado de gastos, com o histórico do animal, leva-o assim a recorrer a restos de comida caseira para que seus animais tenham o que comer. Em casos de recompensas ao realizar algum ato denominado como “bom” pelo tutor, 34 cães tem o costume de receber petiscos pela realização destes atos, conforme citado na bibliografia consultada, o reforço positivo é extremamente motivante, porém não deve ser utilizado fora das sessões de treino (BOWEN, 2007).

Com a alta incidência de alterações comportamentais relatadas pelos tutores e/ou protetores, questionou-se sobre o possível tratamento oferecidos para os animais, sendo o enriquecimento ambiental mais escolhido pelos tutores, informação está condizente com a literatura, onde diversos autores citaram a necessidade do enriquecimento ambiental no controle e tratamento das alterações comportamentais, seguido do adestramento, e em pouquíssimos casos o uso de medicamentos para controle comportamental, parte dos tutores e/ou protetores não souberam informar se o animal possuía algum problema comportamental, e outra parte nunca buscou nenhum tipo de tratamento para as alterações citadas.

Como referido por Novais (2010), a eutanásia se encontra como uma opção em caso de falhas no tratamento de doenças comportamentais, método este comumente utilizado, em outros países, em casos de agressividade, porém ao se questionar os tutores e/ou protetores se eles utilizariam ou se já chegaram a utilizar a eutanásia em caso de agressividade, nenhum dos entrevistados disse ver a eutanásia como uma escolha para estes casos.

## **6. CONCLUSÃO**

As maiores dificuldades encontradas durante a elaboração deste estudo estão relacionadas a falta de dados referentes a doenças comportamentais no território brasileiro, com o elevado número de tutores e/ou protetores que ao responder às perguntas não conseguiram relatar com clareza sinais apresentados pelos animais, fato este que pode estar relacionado com fato que certos comportamentos muitas vezes são denominados normais pelos proprietários, pois são apresentados desde que se conhece o animal, ou a falta de conhecimento sobre o assunto relacionado com a baixa convivência com o seu animal. Tornou-se difícil, desta forma, estabelecer, alguns fatores desejados para melhor aprimoramento do estudo.

Em relação aos objetivos propostos, a realização deste estudo permitiu verificar que, as alterações pesquisadas em bibliografia internacional e citadas na revisão bibliográfica, são condizentes com os problemas comportamentais mais frequentemente relatados pelos tutores e/ou protetores dos cães resgatados. Notou-se também que cães com um maior tempo de resgate ou adoção apresentam uma menor incidência de alterações comportamentais em relação a cães recém-adotados e/ou resgatados.

Devido ao histórico dos cães deste estudo, muitas vezes relacionados com traumas, maus tratos e abandonos, averiguou-se um elevado número de alterações citadas pelos proprietários, sendo o medo, a alteração mais notada, sendo predominante, dentre as outras, seja ele decorrente de sons, gestos, objetos ou pessoas específicas. No entanto, parece não haver um grande conhecimento sobre como reconhecer as diversas alterações comportamentais e nem como lidar propriamente com estes animais, de maneira que se encontrem livre de estresse e recuperados de traumas.

Embora em outros países a realização da eutanásia encontra-se como uma escolha no caso de alterações comportamentais, durante este estudo observou-se que nenhum dos tutores recorreriam a esta opção, buscando sempre, em sua maioria por conta própria, terapias alternativas, como o enriquecimento ambiental e o adestramento do animal.

Considerando estas questões, com a reduzida diversidade de técnicas de modificação comportamental, seja por adestramento ou medicação, e de manejo ambiental, seja por brincadeiras ou enriquecimento ambiental, utilizadas por estes tutores, conclui-se que a explicação possa estar relacionada com a necessidade de uma maior sensibilização e formação dos médicos veterinários na área do comportamento animal, e a conseqüente divulgação das soluções que esta especialidade proporciona para o meio veterinário.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES A.J.S.; GUILOUX A.G.A.; ZETUN C.B.; POLO G.; BRAGA G.B.; PANACHÃO L.I.; SANTOS O.; DIAS R.A. **Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura** Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP. V.11, n. 2 (2013). p.34-41, 2013

AMERICAN Veterinary Society of Animal Behavior. **“AVSAB Position Statement on the Use of Dominance Theory in Behavior Modification of Animals”**, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO (ABINPET). **Mercado Pet Brasil 2019**. 2019.

BAMPI, J. **Síndrome de ansiedade de separação em cães**. 2014. 29 f. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BARNARD, S.; PEDERNERA, C.; VELARDE, A.; DALLA VILLA, P. **Shelter Quality. Welfare Assessment Protocol for Shelter Dogs**. Instituto Zooprofilattico Sperimentale della AbruZZo e del Molise “G. Carporale”, Italy, 2014.

BARRERA, G.; JAKOVCEVIC, A.; BENTOSELA, M. **Calidad de Vida en Perros Alojados en Refugios: Intervenciones para Mejorar su Bienestar**. *Suma Psicológica*. v. 15, p. 337-354. 2008.

BARROS, C, T.; SILVA, A, S, A. **Ansiedade de separação em cães**. *Anais IV simpac*. 2012 (4); 71- 75.

BATTAGLIA, C. L. **Periods of Early Development and the Effects of Stimulation and Social Experiences in the Canine**. *J. Vet. Behav.*, v. 4, n. 5, p. 203–210, 2009.

BEAVER, B.V. **Comportamento Canino, um guia para veterinários**. Roca, 2001, p. 15-40, 229-233, 319-320, 384-386, 409-416.

BEZERRA, L. E.; ZIMMERMANN, M. **Distúrbios comportamentais em cães: ansiedade por separação**. *Revet*, Brasília, v 2, n 1, p. 1 – 14, dezembro. 2015.

BOWEN, J. E. Canine sound phobias. **British Small Animal Veterinary Congress 2007**. 2007.

BRADSHAW, J. W. S., BLACKWELL, E. J., CASEY R. A. **Dominance in Domestic Dogs - Useful Construct or Bad Habit?** *J. Vet. Behav.*, n. 4, p. 135-144, 2009.

CALDERON, N. A. M.; CHIOZZOTTO, E.N.; GOMES, L. H.; ALMEIDA, M.; GARCIA, R. C. M. **Guia Prático Curso de Formação de Oficiais de Controle Animal (FOCA)**. 2.ed. Instituto Técnico de Educação e Controle Animal. 2008

CAROLINO, F. S.; FLORENCIO, G. L. **Relato de caso : síndrome da ansiedade de separação animal de um cão em uma hospedagem para cães**. *Anais do 18º Simpósio de TCC e 15º Seminário de IC do Centro Universitário ICESP*. 2019(18); 1646-1656.

CASE, L. **Perspectives on Domestication: The History of Our Relationship with Man’s Best Friend**. *J Anim Sci.*, v.86, p. 3245–3251, 2008.

CROWELL-DAVIS, S. L. **Treatment of storm phobia in dogs**. Atlantic Coast Veterinary Conference 2009. 2009.

DALZUCHIO, D. L.; MIRA, A. **Fatores relacionados com a Síndrome da Ansiedade da Separação Animal**. v 7 , n 4, p. 392 - 404, 2014.

DIAS, C, M, B, M. *et al* **Ansiedade de Separação em cães: revisão**. v.7, n.3, p. 39-46, dez. 2013.

DUNN J. K. **Tratado de medicina de pequenos animais**. Roca, 2001, p.1023-1035.

EATON, B. **Dominance in Dogs - Fact or Fiction?**. Wenatchee: Dogwise Publishing, 2011. 88p.

FARACO C. B.; SOARES G. M. **Fundamentos do comportamento canino e felino**. São Paulo: Editora MedVet, 2013. 242p.

FATJÓ, *et al* **Analysis of 1040 cases of canine aggression in a referral practice in Spain.** Journal of Veterinary Behavior. v. 2, n. 5, pp. 158-165, Sept 2007.

FRANK, D. **Interdog aggression: when to intervene?**. 62nd Convention of the Canadian Veterinary Medical Association. 2010.

FRASER, A. F.; BROOM, D. M. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos.** 4ed. Barueri: Manole, 2010. 438p.

GAZZANO A.; MARITI C.; NOTARI L. *et al* **Effects of early gentling and early environment on emotional development of puppies.** Appl. Anim. Behav. Sci., v. 110, n. 3, p. 294-304, 2008.

GERALDES, D. **Censo Pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil.** 13 jun. 2019.

HAUSER, H. **Separation anxiety.** Metropolitan veterinary associates newsletter. v.10 n. 3 p. 1 - 4, 2020.

HORWITZ, D. F. **Aggression toward unfamiliar dogs on walks.** Western Veterinary Conference 2007.

HORWITZ. D. F; NEILSON. J. C. **Comportamento canino e felino.** Tradução de João Sérgio C. De Azevedo. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15 – 566.

HORWITZ D.F.; MILLS D. S.; BSAVA. **Manual of Behavioural Medicine.** Second Edition, Gloucester, British Small Animal Veterinary Association, England 2009.

HUNTHAUSEN, W. (2010). **Beyond house-training: solving canine house-soiling problems.** Western Veterinary Conference 2010. 2010.

HUNTHAUSEN, W. (2010). **Common sense approaches to feline house soiling problems.** Western Veterinary Conference 2010. 2010.

HUNTHAUSEN, W. (2010). **Fears, phobias, & anxiety disorders.** Western Veterinary Conference 2010. 2010.

HUNTHAUSEN, W. (2010). **The dog that can't be left alone: separation anxiety problems.** Western Veterinary Conference 2010. 2010.

JUNIOR, C. N. K.; MACHADO, J. C. E. **Abandono de animais domésticos: Elaboração e implementação de sequência didática em escola pública de Embu das Artes – SP.** Ciência em tela, v.11, n.1, p.1-15, 2018.

LANDSBERG, G., HUNTHAUSEN, W., ACKERMAN, L. **Handbook of behavior problems of the dog and cat.** (2nd ed.). Edinburgh: Saunders. 2005.

LANDSBERG, G. M. (2008). **Behavioral therapy for separation anxiety in dogs – An evidence based approach I & II.** Western Veterinary Conference 2008. 2008.

LANDSBERG, G. M. (2008). **Incorporating behavior services in veterinary practice.** Western Veterinary Conference, 2008.

LEWGOY, B.; SORDI, C.; PINTO, L. **Domesticando o humano para uma antropologia moral da proteção animal**. *Ilha Revista de Antropologia*, v.17, n.2, p. 75-100, ago/dez 2015.

LINHARES, V, L, V. *et al* **O adestramento positivo como tratamento em cães com distúrbios comportamentais de ansiedade: Relato de casos**. *Pubvet. Ceará*, v. 12, n.4, p. 1-9, abril, 2018.

MACHADO, S. D.; SANTANNA, C. A. **Síndrome de ansiedade por separação em animais de companhia: uma revisão**. *Revista Brasileira de Zoociências, Minas Gerais*, v. 18, n. 10, p. 160 – 186, julho. 2017.

MILLER, P. **Dominance Isn't Usually the Problem**. 2011.

NEW Jr., J. C.; SALMAN, M. D.; KING, M.; SCARLETT, J. M.; KASS, P. H.; HUTCHISON, J. M. **Characteristic of Shelter-Relinquished Animals and Their Owners Compared With Animals And Their Owners in U.S. Pet-Ownning Households**. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 3, n. 3, p. 179-201, 2000.

NOVAIS, A.A.; LEMOS, D. S. A.; JUNIOR, D. F. **Síndrome da Ansiedade de Separação em cães atendidos no Hospital Veterinário da Unicastelo**. *Ciência Animal Brasileira*. v. 11. n ° 1. Fernandópolis.

O'HEARE, J. **Dominance Theory and Dogs**. 2 ed. Wenatchee: Dogwise Publishing, 2008. 77p.

PAIXÃO, L, R.; MACHADO, C, J. **Conexões entre o comportamento do gato doméstico e casos de maus tratos, abandono e não adoção**. *Revista Brasileira do direito animal, Salvador*, v. 10, n. 20, p. 137- 168, dez. 2015.

PALESTRINI, C. **Home alone: Diagnosis and treatment of separation anxiety**. *European Journal of Companion Animal Practice*. Bruxelles, v. 24, n. 3, p 4- 45. 2019.

PEREIRA, G. G.; LANTZMAN, M. **Ontogenia Canina**. In: FARACO, C. B.; SOARES, G. M. (Orgs.). **Fundamentos do Comportamento Canino e Felino**. São Paulo: MedVet., 2013, cap. 4, p. 27-39.

ROSSI, C. F. **Síndrome de ansiedade de separação em cães**. 2018. 25 f. Monografia (requisito parcial para a obtenção do título de Médico Veterinário), Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SALMAN, M. D.; NEW Jr., J. G.; SCARLETT, J. M.; KASS, P. H.; RUCH-GALLIE, R.; HETTS, S. **Human and Animal Factors related to the relinquishment of Dogs and Cats in 12 Selected Animal Shelters in the United States**. *Journal of Applied Animal Welfare Science*, v. 1, n. 3, 206-226, 1998.

SEKSEL, K. **Differential diagnosis of behavioral signs**. *Western Veterinary Conference* 2004. 2004.

SERPELL, J. A.; DUFFY, D. L.; HSU, Y. **Breed differences in canine aggression**. *Applied Animal Behaviour Science*. v. 114, n. 3, p. 441-460, Dec 2008.

SUEDA, K. L. C; MALAMED, R. **Canine aggression toward people: a guide for practitioners.** Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice. v. 44, n. 3, p. 599-628, May 2014.

TEIXEIRA, N. M. D. **Síndrome de Ansiedade de Separação (SAS) em cães na cidade de João Pessoa – PB.** 2017. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal da Paraíba, 2019.

TEIXEIRA E. **Desvios Comportamentais nas Espécies Canina e Felina – Panorama Actual e Discussão de Casos Clínicos.** Dissertação de Mestrado em Clínica e Cirurgia de Pequenos Animais. Faculdade de Medicina Veterinária – Universidade Técnica de Lisboa: 6-18; 12-13; 27-37. 2009

WELLS, D. L; HEPPER, P. G. **Prevalence of behavior problems reported by owners of dogs purchased from an animal rescue shelter.** Applied Animal Behavior Science. v. 69, p. 55-65, 2000.

WENG, H. Y.; KASS, P. H.; HART, L. A.; CHOMEL, B. B., **Risk factors for unsuccessful dog ownership: An epidemiologic study in Taiwan.** Preventive Veterinary Medicine, v. 77, p. 82-85, 2006.

YIN, S. **“Chapter 2. Dominance vs. Unruly Behavior.” In Low Stress Handling, Restraint and Behavior Modification of Dogs & Cats, 55–75.** CattleDog Publishing, 2009.



## ANEXO 1

### Questionário TCC

#### DADOS DO LAR TEMPORÁRIO

1. Qual o seu nome
2. Quantos animais estão sob o seu cuidado atualmente?
  - a. Cão: Quantos? \_\_\_\_\_
  - b. Gato: Quantos? \_\_\_\_\_
  - c. Outros: Quantos? \_\_\_\_\_
3. Quantas horas por dia você dedica aos seus animais?
4. Quantas pessoas moram em sua residência atualmente?
5. Com qual frequência você visita o veterinário?
  - a. Mais que 1 vez por mês
  - b. Mensalmente
  - c. Semestralmente
  - d. Anualmente
  - e. Menos de 1 vez por ano
  - f. Apenas em caso de doença

#### DADOS DO ANIMAL (preencher 1 por cada cão sob o seu cuidado)

6. Qual o nome do cãozinho?
7. Ele possui raça definida? Se sim, qual?
8. Qual o sexo do animalzinho?
9. Ele(a) é castrado(a)? Se sim, a quanto tempo?
10. A quanto tempo ele está sob os seus cuidados?
11. Qual a origem do animalzinho?
  - a. Canil
  - b. Outra família
  - c. Rua
  - d. Outro: \_\_\_\_\_
12. Ele já passou por alguma situação de maus tratos?
13. Local da casa onde passa maior parte do tempo:
  - a. Interior
  - b. Exterior
14. Ele possui um local próprio para dormir?
15. Está preso em um espaço limitado?
16. Qual a sua alimentação?
  - a. Ração seca
  - b. Ração úmida
  - c. Alimentação natural adequada
  - d. Restos de comida
17. Costuma receber petiscos como recompensa?
18. Quantas horas por dia ele passa sozinho? (sem a presença de um humano)
19. Quantas vezes por dia ele(a) passeia:
  - a. Não sai de casa
  - b. 1-2
  - c. 3-4
  - d. Mais de 4

20. Ele (a) já foi diagnosticado com alguma doença? Qual?
21. Alguma vez notou os seguintes sinais no seu animal de companhia?
- Olha fixamente o dono e segue-o: Sim / Não
  - Procura permanente de contacto físico: Sim / Não
  - Fica ansioso quando perde o contacto visual: Sim / Não
  - Quando percebeu o início destes comportamentos? \_\_\_\_\_
22. Se o seu animal é castrado, houve alguma alteração no seu comportamento após a castração? Sim, / Não, Qual? \_\_\_\_\_

(por ex., alteração na agressividade, na marcação de território ou no comportamento sexual indesejado)

23. Alguma vez demonstrou alterações ao seu comportamento normal?

- Sim
- Não

24. Quando começou as mudanças no comportamento?

25. Já apresentou agressividade com conhecidos

- Com pessoas
- Com animais
- Nunca apresentou agressividade

26. Já apresentou agressividade com estranhos

- Com pessoas
- Com animais
- Nunca apresentou agressividade

27. Já apresentou ansiedade/agitação

28. Já apresentou desorientação?

29. Já apresentou depressão/isolamento/submissão?

30. Já apresentou medos(sons, pessoas estranhas, etc.)? Quais? \_\_\_\_\_

31. Já apresentou hiperatividade?

32. Já apresentou dificuldade em dormir?

33. Já apresentou vocalização excessiva?

34. Já apresentou Comportamento destrutivo?

35. Já apresentou Aumento comportamento predatório?

36. Já apresentou Automutilação?

37. Já apresentou 'Lavar-se' excessivamente?

38. Já apresentou Salivação excessiva?

39. Já apresentou Ingestão anômala?

40. Já apresentou Locomoção anômala?

41. Já apresentou Necessidades em local inapropriado?

42. Já apresentou Desobediência?

43. Já apresentou Dificuldade aprendizagem?

44. Já apresentou Alteração interação social?

45. Já apresentou Comportamento sexual indesejado?

46. Já apresentou Comportamento repetitivo? Qual? \_\_\_\_\_

47. Quais outros problemas ele(a) pode ter apresentado?

48. Durante a vida do animal, houve alguma alteração no seu ambiente social, ou outro fato traumatizante:

- Separação de uma pessoa da família ou de outro animal?
- Surgimento de novo membro da família ou outro animal?
- Alteração do número de horas que permanece sozinho?
- Mudança de casa ou outras alterações na rotina diária?

- e. Sofrimento de agressão por pessoas ou outro animal?
  - f. Acidente
  - g. Abandono
  - h. Maus tratos
  - i. Outro: \_\_\_\_\_
49. Caso você já possua o conhecimento que seu animal possui algum problema comportamental, experimentou algum destes tratamentos:
- a. Enriquecimento ambiental
  - b. Adestramento
  - c. Medicação
  - d. Nunca busquei nenhum tipo de tratamento
  - e. Não sei se o animal possui algum problema comportamental
50. Em um caso de agressividade extrema de uma animal de companhia, você optaria pela eutanásia do mesmo?
- a. Sim
  - b. Sim, mas apenas após tentativa de tratamento
  - c. Não
51. Você já optou pela eutanásia em casos de agressividade do animal? se sim: qual a raça e idade do animal?